

Notas sobre o processo de industrialização de Minas Gerais¹

Ricardo Zimbrão Affonso de Paula²

Resumo

Este artigo tem por finalidade analisar o processo de industrialização de Minas Gerais, levando em conta as origens da manufatura rudimentar mineira no século XIX; o surto industrial ocorrido na cidade de Juiz de Fora, entre as duas últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX; e por fim, a consolidação da industrialização mineira fundamentada no setor minério-metalúrgico, estabelecido na região central do estado, denominada de Zona Metalúrgica.

Introdução

O estudo que agora se segue tem por finalidade analisar o processo de industrialização de Minas Gerais desde as origens das manufaturas rudimentares ligadas ao regime escravista, no século XIX, passando pelo surto industrial ocorrido na cidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira (fruto do desenvolvimento industrial que se originou em áreas onde predominou a economia cafeeira, entre o final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX) até a consolidação do processo de industrialização mineiro, na década de 1950, liderado pelo setor “minério-metalúrgico”, estabelecido na região central do estado (denominada de Zona Metalúrgica).

Para isso, dividiremos este trabalho da seguinte forma: em primeiro lugar, abordaremos a indústria mineira no século XIX, destacando-se aí a mineração aurífera, a siderurgia e a indústria têxtil. No segundo, analisaremos o surto industrial de Juiz de Fora, entre a última década do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Por fim, destacaremos o deslocamento do centro dinâmico da economia mineira, a partir da década de

¹ Este estudo faz parte da Dissertação de Mestrado do autor que será defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação do Prof. Dr. Rui Guilherme Granziera.

² Mestrando em História Econômica – Unicamp. Instituto de Economia (IE).

1930, da Zona da Mata para a Zona Metalúrgica e o processo de consolidação da industrialização do estado ligado o setor minério-metalúrgico.

1 A indústria mineira do século XIX

A origem da indústria em Minas Gerais remonta ao século XIX. Num primeiro momento, a atividade industrial concentrava-se na região central da província, onde situavam-se as antigas minas auríferas. Nesta região, destacaram-se três tipos de indústrias: a mineração aurífera, a siderurgia e a indústria têxtil. No entanto, essa incipiente indústria operava de maneira rudimentar e com baixo nível tecnológico, com exceção da mineração (que naquele período obteve cabedal de investimentos, principalmente inglês, mudando o perfil da mineração subterrânea na província, dotando-a de processos produtivos que normalmente se igualava àqueles empregados na Europa).³ Examinaremos cada um desses tipos de indústria que operavam em solo mineiro.

1.1 Siderurgia

A origem da siderurgia está na produção doméstica do século XVIII. Desenvolveu-se de maneira híbrida no século XIX, misturando contribuições africanas com certas inovações europeias, o que resultou numa estrutura produtiva descrita basicamente como manufatura rudimentar.

Segundo Douglas Libby, o marcante isolamento de Minas no período e os altíssimos preços das mercadorias importadas permitiram que, desde a segunda década do século XIX, a indústria siderúrgica se desenvolvesse e se expandisse numérica e geograficamente ao longo de seis décadas.⁴ Num primeiro momento, as mudanças nos processos de extração do ouro impulsionaram a produção comercial do ferro (as minas subterrâneas

³ A respeito dos três tipos de indústria descritos acima, consultar Libby (1988: 263).

⁴ Segundo Libby (1988: 143), a produção de ferro em bases racionais e comerciais irá surgir na fase de franca decadência do ouro, ou seja, com a exaustão do ouro aluvial e das aflorações em encostas, a busca pelo metal precioso exigia mais equipamentos, principalmente de ferro e aço obrados, especialmente quando se tratava de escavações subterrâneas.

constituíam-se em importantes consumidoras do metal durante todo esse período). Com o decorrer do tempo, alargou-se o mercado do qual tanto a lavoura quanto as tropas passaram a ser parcelas ponderáveis.

Na década de 1880 a indústria siderúrgica mineira sofrerá dois duros golpes. O primeiro com o início da penetração das ferrovias na região central da província; o segundo, com a abolição da escravidão, que a privou de sua única vantagem diante da concorrência estrangeira, a mão-de-obra regular representada pelo mancipio.⁵ Após a queda do Império, as pequenas fundições irão se desaparecer e o rápido e quase total fracasso da tentativa de instalação de usinas durante a década de 1890 condenará Minas Gerais a esperar mais três décadas para ver renascer a realização de sua vocação siderúrgica.

A siderurgia comercial de Minas Gerais no século XIX caracterizou-se como uma indústria manufatureira. O próprio processo de fundir ferro exigia uma quantidade de mão-de-obra que ultrapassava os limites da oficina artesanal. Ao mesmo tempo, essa indústria impunhou uma nítida separação de tarefas individuais, que é a essência da divisão técnica do trabalho. Também é preciso levar em conta que, na maioria das vezes, as fundições eram organizadas com base na separação entre capital e trabalho, isto é, a mão-de-obra não possuía os seus meios de produção. Todavia, na manufatura clássica essa mão-de-obra seria assalariada – no caso da siderurgia mineira dos oitocentos, o braço escravo constituiu-se francamente majoritário.

Como uma indústria inserida num regime escravista, a siderurgia mineira dependeu em grande medida da mão-de-obra escrava ao longo de todo o século XIX. A importância do mancipio nesta atividade leva-nos a perceber que existiam entre os cativos bons conhecimentos na arte de fundir ferro, constituindo-se assim em mão-de-obra “especializada”. O papel do escravo será ao mesmo tempo, catalisador e bloqueador no avanço da siderurgia mineira da época.⁶

Em síntese, podemos dizer que ocorreu uma falta de continuidade entre o florescimento das pequenas fundições e a metalurgia do século XX,

5 As primeiras fundições de ferro em Minas, se deveu aos conhecimentos metalúrgicos do escravo africano. Este constituiu-se principal mão-de-obra na indústria siderúrgica mineira no século XIX (Libby, 1988: 136).

6 Dos três principais setores industriais que estão sendo discutidos aqui, mineração aurífera, têxtil e siderurgia, esta última claramente se comprovou ser mais dependente do trabalho mancipio (Libby, 1988: 161).

sendo esta última uma fundamental contradição inerente ao ensaio siderúrgico do regime escravista. Ora, o isolamento de Minas, aliado ao surgimento de uma demanda específica, permitiu e estimulou a transformação de uma atividade doméstica em uma indústria siderúrgica comercial, cujos processos produtivos eram essencialmente manufatureiros e que tiveram no escravo sua maior e mais consistente fonte de mão-de-obra. Embora esta indústria se mostrasse capaz de conquistar novos setores de consumidores, representados principalmente pela lavoura e pelas tropas, o mesmo isolamento implicou um mercado global limitado, pouco propício a uma acumulação de capital que levasse a siderurgia mineira a equiparar-se tecnologicamente à européia. Ao mesmo tempo, o largo uso do trabalho escravo e, em particular, do escravo especializado, “liberou” o homem livre do esforço de aprender a arte de fundir ferro, em especial os proprietários das forjas, que pelo menos algum capital poderiam ter investido em melhoramentos tecnológicos, caso estivessem inteirados no funcionamento das fundições (Libby, 1988: 177).

1.2 Indústria têxtil

A indústria têxtil que se desenvolveu em Minas Gerais ao longo do século XIX dividia-se em duas ramificações distintas, em termos de processos produtivos: produção doméstica e produção fabril.

Na primeira metade do século XIX reuniram-se as condições que conduziram ao enorme crescimento da produção doméstica têxtil, principalmente em Minas Gerais. A produção caseira de tecidos na província, constituiu atividade antiga e florescente, embora a maior parte desta produção fosse consumida internamente, era também exportada para outras províncias⁷ (Oliveira, 1993: 114).

⁷ A esse respeito ver também Libby (1988: 187-212). De acordo com Libby, os primeiros povoadores das Gerais não tardaram a iniciar uma fabricação doméstica de tecidos, destinada a suprir as necessidades imediatas. A prática foi claramente se difundindo até a segunda metade do século XVIII, quando ultrapassou os limites da simples produção para o consumo do lar e os panos mineiros começaram a ser comercializados abertamente dentro da capitânia. Para o autor, à semelhança do que aconteceu à siderurgia mineira dos oitocentos, acredita-se que o vulto da indústria têxtil doméstica em Minas do século XIX é algo inédito na história das economias escravistas do Novo Mundo. Fruto também do marcante isolamento da vasta província interiorana, essa indústria, no entanto, não pôde sobreviver a sua extensão à liberação da entrada de mercadorias de além-fronteira.

O final da década de 1860 e início da década de 1870 foi um período favorável à indústria. A expansão monetária dos anos da Guerra do Paraguai, associado a um aumento das tarifas de importação, teria estimulado a produção industrial. Segundo Oliveira, a manutenção das tarifas de importação e uma valorização cambial resultante das medidas de política monetária restritivas implementadas no pós-guerra teriam, por sua vez, favorecido a expansão dos investimentos nos primeiros anos da década de 1870. Isto posto, ocorreu um surto de investimentos no setor têxtil durante os anos de 1870-1875. Os primeiros investimentos na indústria têxtil mineira coincidirão com este surto de investimentos no início da década de 1870. Na década de 1880, haverá grande expansão de investimento no setor que se concentrará nos anos de 1880-1883, e em 1886 (Oliveira, 1993: 116-118).

É importante frisar que grande parte das indústrias têxteis mineiras no século XIX situava-se na região central da província, como também as siderúrgicas. Entretanto, há uma considerável diferença entre esses dois setores no que tange o emprego da mão-de-obra. Enquanto a siderurgia tinha no elemento cativo sua principal força de trabalho, a indústria têxtil se constituiu no único ramo industrial, no século XIX, a se caracterizar pelo emprego quase que exclusivo do trabalho livre. Isto se explica, grosso modo, pela tradição dos colonizadores em confeccionar seus próprios tecidos, que levaram ao desenvolvimento deste tipo de indústria. Não podemos deixar de comentar, em linhas gerais, que, no período em que se dá o surto industrial têxtil em Minas, um dos fatores de estímulo a essa indústria se encontra na relativa disponibilidade de mão-de-obra livre.

As fábricas têxteis instaladas em Minas Gerais neste período, caracterizavam-se por empreendimentos de pequeno porte. Isto se deve a dois fatores: o transporte de equipamentos pesados, volumosos e ao mesmo tempo delicados, para o interior da província, era extremamente penoso e caro; e a natureza do mercado consumidor. Embora algumas fábricas colocassem parte de sua produção na praça do Rio de Janeiro, na maioria das vezes o mercado poderia ser caracterizado como essencialmente local (Libby, 1988: 230).

De acordo com Oliveira (1993: 133), isto se explica, grosso modo, por estas não estarem localizadas na da região cafeeira da província, na Zona da Mata, e sim na região central, onde o mercado era limitado e a constituição desse setor têxtil foi para atender, principalmente, aquele mercado local, em substituição da produção caseira de panos.

O capital empregado na constituição das fábricas têxteis mineiras, foi constituído e financiado por pequenos grupos de parentes e/ou amigos que viviam na região onde seriam construídas as fábricas. A maioria destas, estabelecidas em 1870, foram construídas no local onde viviam os investidores. Este padrão de investimentos parece ter dominado até os primeiros anos da década de 1880, quando se dá a transição para as sociedades anônimas, tornando-se esta a forma predominante de associação de capitais para investimentos no setor (Oliveira, 1993: 126).

Entretanto, a adoção generalizada da sociedade anônima como forma típica de associação de capital na indústria têxtil mineira não introduziu maiores alterações no padrão de investimento. O capital das novas companhias concentrava-se ainda nas mãos de um pequeno grupo de acionistas de uma mesma família da região. Essa situação irá mudar a partir da década de 1890, no período pós-encilhamento, quando o empreendimento de novas fábricas será feito não mais por grupos familiares ou investidores engajados em atividades locais como fazendeiros, comerciantes etc., e sim, por pessoas com experiência no setor, quer como investidores, quer como empresários (Oliveira, 1993: 129-130).

Em suma, concordamos com a análise que M. T. R. Oliveira faz sobre as explicações para as variações no ritmo de expansão da indústria têxtil mineira no século XIX. Segundo ela, estas explicações devem ser buscadas em situações conjunturais específicas à economia mineira e não trasladadas das regiões exportadoras. Isto se explica, como falamos anteriormente, devido grande parte das fábricas têxteis estarem fora da região agroexportadora da província, situada na Zona da Mata, e localizadas no centro, onde o mercado se encontra isolado e limitado. Assim, a produção fabril de tecidos estava, em linhas gerais, protegida geograficamente da concorrência externa (pelo menos até mais ou menos as últimas décadas do século XIX, quando as ferrovias penetram na região central de Minas). Por outro lado, essa mesma proteção geográfica impedia a expansão desta mesma indústria, assinalado pelo pequeno porte das fábricas mineiras (Oliveira, 1993: 132).

1.3 Mineração aurífera

Desde fins do século XVIII, a extração do ouro aluvial já apresentava sinais de esgotamento. Foi necessário para a extração do minério o emprego

de novas técnicas. Ao longo do século XIX, o método adotado para tal empreendimento será o sistema de mineração subterrânea. Todavia, este revelar-se-á um investimento muito caro, necessitando de um contingente muito significativo de capitais. Será a partir da terceira década dos oitocentos que os investimentos estrangeiros, principalmente ingleses, se fará presente nesse ramo da economia mineira.

As companhias estrangeiras mudarão profundamente o perfil da mineração subterrânea em Minas Gerais, dotando-a de processos produtivos que normalmente se igualavam àqueles empregados na Europa, através da aplicação de tecnologias “de ponta” e sua organização administrativa. Segundo Douglas Libby, entre os anos de 1824 e 1833/1834, pelo menos seis sociedades concessionárias inglesas efetivamente iniciaram suas operações em território mineiro⁸ (Libby, 1988: 301-344).

Não obstante, os empreendimentos de mineração subterrânea no século XIX exigiam a reunião de somas mais ou menos vultuosas de capital e a concentração de grandes contingentes de mão-de-obra para alcançar uma escala de operações que oferecesse a possibilidade de sucesso financeiro. Além disso, o empreendimento teria que ser dotado de uma administração capaz de supervisionar racionalmente uma complexa série de processos concatenados. Malgrado a mina aurífera não constituir propriamente uma fábrica, a organização de sua exploração poderia perfeitamente ser comparada às organizações fabris contemporâneas de maior complexidade. A aplicação de máquinas à mineração viabilizou a exploração de grandes e profundas minas, e essas máquinas acabaram impondo seu ritmo ao trabalho humano, assim introduzindo a mineração aurífera na dinâmica do sistema fabril (Libby, 1988: 265).

O balanço que podemos realizar a respeito do desempenho produtivo das companhias estrangeiras na mineração aurífera em Minas Gerais no século XIX, é de fracasso. Seguindo as orientações de Libby, identificamos três fatores para tal fato: o elevado número de companhias representava uma considerável dispersão de capital; alto custo no emprego de tecnologias nos empreendimentos; por fim, a maioria das jazidas trabalhadas pelos

⁸ Estima-se que 16 empresas estrangeiras, principalmente de capital inglês, atuaram na mineração aurífera subterrânea em Minas Gerais ao longo do século XIX. A primeira a se estabelecer foi a *Imperial Brazilian Mining Association*, organizada em 1824, em Londres. Uma das principais companhias, senão a principal companhia mineradora que, gerou algum lucro para os acionistas foi a *Saint John D'El Rey Mining Company*, fundada em Londres em 1830.

empreendimentos estrangeiros compunha-se de depósitos já esgotados ou de uma pobreza de produção, que nunca teria permitido uma exploração mais rentável deste ramo da economia (Libby, 1988: 285).

Não podemos de deixar de mencionar a utilização da força de trabalho empregada na mineração aurífera, que constituía-se predominantemente de escravos alugados. Na verdade, a prática de aluguel de escravos era uma forma bastante corriqueira em Minas Gerais no século XIX. A utilização do escravo alugado, apesar de uma solução nada barata, foi a única encontrada pelos investidores estrangeiros para superar o problema da mão-de-obra. Dentre os setores que estamos analisando, somente a indústria da mineração subterrânea era capaz e tinha recursos financeiros para tal empreendimento.

Em síntese, estes três setores industriais, discutidos até agora neste breve estudo, se desenvolveram a partir e somente para o regime escravista. O escravo era o elemento mais importante nessas indústrias, seja como mão-de-obra como são os casos da siderurgia e da mineração, seja como “consumidor” como é o caso da indústria têxtil, na qual tinha como principal produto o “pano grosso”, vestido pelos mancípios. Estas indústrias irão definhar no final do século XIX, devido principalmente à chegada das ferrovias e à abolição da escravidão.

Ao contrário das indústrias abordadas acima, a indústria que irá se desenvolver, a partir do final do século XIX, em Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira, terá como principal fator de estímulo o capital cafeeiro. Direta ou indiretamente, ele estimulará o surto industrial daquela cidade, o centro mais dinâmico de Minas Gerais a partir da segunda metade do século XIX até 1930.

2 O surto industrial de Juiz de Fora

O surto industrial ocorrido na cidade de Juiz de Fora se enquadra no processo que originou a industrialização nas áreas onde predominou a economia cafeeira. Em linhas gerais, este processo se origina do movimento geral de acumulação de capital da economia agroexportadora, que é predominantemente mercantil em seu conjunto e que implicou um processo de diversificação urbano-industrial.

Segundo Anderson Pires, o capital envolvido na indústria que surgiu em Juiz de Fora tem suas origens diretas ou indiretas no seu núcleo fundamental, isto é, a própria acumulação do capital cafeeiro realizada no espaço regional. Este processo resultou na constituição de forças produtivas capitalista, que se desenvolveram efetivamente a partir do final da década de 1880 e início da década de 1890, quando se verifica o predomínio de médias e grandes empresas, com produção em série, tecnologia relativamente avançada, grande produtividade e concentração de mão-de-obra. Neste momento estabeleceram-se unidades propriamente fabris que vão ter no trabalho assalariado a forma predominante de extração do produto excedente (Pires, 1993: 131).

O principal fator que levou Juiz de Fora a se industrializar, em primeiro lugar, foi a transformação da cidade em principal centro armazenador da produção cafeeira da região, graças à construção da rodovia União & Indústria, inaugurada em 1861, que modernizou o sistema de transporte de café para o Rio de Janeiro⁹ (Giroletti, 1988). Juiz de Fora a partir desse período se constituirá no principal centro dinâmico da economia mineira.

O segundo fator foi a atuação do capital cafeeiro que, a partir da década de 1870, investirá em vários setores empresariais de Juiz de Fora: na criação e modernização dos meios de transportes rodo-ferroviários, destacando-se aí, a Cia. União Mineira, Cia. Ramal do Rio Novo e a Cia. E. F. Juiz de Fora-Piau; na criação de bancos como o Banco Territorial e Mercantil, fundado em 1887 e o Banco de Crédito Real, fundado em 1889; na criação e melhorias dos transportes urbanos, como por exemplo, a Cia. Ferrocarril de Porto das Flores e Pará e a Cia. Ferrocarril de Bondes de Juiz de Fora; na construção civil/industrial; na indústria propriamente dita, na qual tem destaque os setores têxtil, mecânica, química e alimentos; no setor de energia elétrica, com a criação da Cia. Mineira de Eletricidade, além de setores de serviços diversos como escolas secundárias, hospitais, etc.

Não obstante, a economia cafeeira foi imprescindível para o processo geral da diversificação urbana-industrial de Juiz de Fora. De acordo com Anderson Pires, o setor agroexportador vinculado a cafeicultura foi

⁹ A respeito da rodovia União & Indústria ver também Bastos (1961), Esteves (1915) e Oliveira (1966). A Cia. União & Indústria foi fundada em Juiz de Fora, pelo cafeeiro Mariano Procópio, com o fito de construir uma estrada moderna que facilitasse o escoamento da produção cafeeira da região para o porto do Rio de Janeiro.

fundamental para o surgimento e expansão do setor urbano do “complexo” regional ao se constituir como um dos espaços fundamentais – mas não exclusivo – onde se efetivava o processo de realização dos produtos e serviços identificados com o universo urbano da economia. Por outro lado, estes mesmos produtos e serviços se tornam fundamentais para o próprio movimento de reprodução da atividade agroexportadora, chegando a desempenhar funções estratégicas nas fases críticas do ciclo cafeeiro onde as funções do setor financeiro e industrial irão se colocar como exemplares. Desta forma, nesta relação intersetorial (no âmbito da economia regional) estabelece uma natureza de complementaridade recíproca que torna a presença do setor urbano-industrial impensável fora do contexto econômico que estava inserido e no qual houve um predomínio visível da atividade agroexportadora – seja na determinação da renda e do capital, seja na definição da “natureza” da referida economia (Pires, 1993: 148-149).

O terceiro fator de nossa análise está na importância do papel do imigrante na constituição da indústria juiz-forana. A imigração para aquela cidade pode ser dividida em dois momentos: no primeiro, quando da construção da rodovia União & Indústria, em meados da década de 1850, no qual prevaleceu o imigrante alemão. No segundo, entre o final do século XIX e início do século XX, onde prevaleceu o imigrante italiano.¹⁰ A contribuição dos imigrantes para o desenvolvimento industrial e comercial da cidade de Juiz de Fora foi, principalmente, no fornecimento de mão-de-obra qualificada, dando origem às primeiras manufaturas, na criação de casas comerciais e oficinas, bem como na criação de um mercado de mão-de-obra.

Por fim, analisaremos o fator mercado para indústria de Juiz de Fora. O principal mercado desta era a própria Zona da Mata. Entretanto, este não era o único. Os mercados de outras regiões de Minas e outros estados como Rio de Janeiro e, em menor vulto, São Paulo, assumiram um papel relevante, mas limitado, como consumidores dos produtos daquela indústria. Um dos principais motivos desse caráter limitado de abrangência da indústria de Juiz de Fora é o fato de que os mercados eram regionalizados e não havia um mercado nacional integrado. A incipiente indústria brasileira deste período era descentralizada, regionalizada, na qual as fábricas das regiões mais desenvolvidas estavam protegidas da concorrência de produtos de outras regiões, devido, principalmente, a precariedade dos meios de transportes no

¹⁰ Sobre o estudo da imigração em Juiz de Fora consultar Oliveira (1991, cap. II).

país.¹¹ O processo de consolidação do mercado nacional ocorrerá somente após 1930.

A importância do mercado regional da Zona da Mata mineira para o surto industrial de Juiz de Fora foi bastante significativa. No entanto, se por um lado este mercado constituiu um importante pressuposto para a própria efetivação do processo, por outro, se colocou como um dos seus principais condicionantes, impondo em grande parte os limites da diversificação e envergadura da estrutura industrial que resultou dele (Pires, 1993: 132).

Em suma, o surto industrial da cidade de Juiz de Fora foi um processo singularmente intenso no contexto mineiro, que se relaciona, pelo menos indiretamente, com o fato da região à qual o município servia como referência ser aquela que possuía a economia mais dinâmica de todo o estado de Minas Gerais, até as primeiras décadas do século XX. Todavia, se compararmos o parque industrial de Juiz de Fora com outros centros industriais do país do período, especialmente, Rio de Janeiro e São Paulo, principais centros industriais da época, verificaremos que a indústria juiz-forana era significativamente menor, levando-nos a concluir que o surto industrial local foi limitado tanto pela média de capital quanto pelo número de operários, bem como pelo valor da produção por estabelecimento.¹²

Dentro deste quadro de análise comparativa entre os parques industriais de Juiz de Fora e os parques industriais do Rio de Janeiro e São Paulo, podemos dizer que o primeiro se constituiu num surto industrial periférico, secundário frente aos dois grandes centros citados anteriormente. Por estar inserido neste processo, o parque industrial juiz-forano não agüentará, a partir de 1930, o movimento de consolidação do mercado nacional, e sofrerá um processo irreversível de estagnação e decadência.¹³

3 O deslocamento do centro dinâmico e a indústria mineira nos anos 40 e 50

O deslocamento do eixo dinâmico da economia mineira da Zona da Mata para a Zona Metalúrgica inicia-se a partir da década de 1920, quando se

¹¹ A respeito da situação da indústria brasileira entre o final do século XIX e início do século XX, consultar: Gorender (1990) e Aureliano (1999).

¹² Consultar as Tabelas 22 e 23 da Dissertação do autor.

¹³ Acerca do declínio da indústria de Juiz de Fora, consultar Paula (1976).

dá a expansão do setor metalúrgico naquela região. Neste período, a capital, Belo Horizonte, começou a exercer um papel de integração econômica. É claro que, nesse primeiro momento, este se deu de forma limitada, não abrangendo todo o estado, apenas as Zonas menos desenvolvidas do centro para o norte, cujo comércio se fazia através da cidade em questão (cf. Dulci, 1999).

Contudo, será entre os anos de 1930 e 1947 que ocorrerá a ampliação do complexo industrial mineiro, localizado na Zona Metalúrgica, no centro do estado, onde situa-se Belo Horizonte. O principal motivo desta está na expansão do setor minério-metalúrgico com a ampliação da Belgo-Mineira, com a Usina de Monlevade, e com a criação da Acesita, além da criação da Cia. Vale do Rio Doce.¹⁴

A expansão do setor minério-metalúrgico de Minas Gerais, esteve relacionada com os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. É em função da guerra que alguns importantes projetos na área da mineração e metalurgia foram definidos para Minas no início da década de 1940. O problema da exportação de minério de ferro passou a ser prioritário para as potências bélicas aliadas, isto é, para os Estados Unidos e a Inglaterra, daí decorrendo os chamados “Acordos de Washington” e a conseqüente criação da Vale do Rio Doce, em 1942¹⁵ (Diniz, 1981: 55).

Na década de 1950 quando o país passa por uma transição industrial, isto é, quando passa da “industrialização restringida” para a fase da “industrialização pesada”, o papel de Minas é de se especializar no setor siderúrgico. É neste momento em que irá aumentar a participação do Estado e do capital estrangeiro no desenvolvimento deste setor. É também neste período, que a capital, Belo Horizonte, bem como toda a Zona Metalúrgica, consolida-se como o centro dinâmico da economia mineira, devido a um maior grau de desenvolvimento na exploração dos recursos naturais da região e da siderurgia.

Todavia, enquanto os setores minério-metalúrgico e siderúrgico se desenvolviam a passos largos, servindo à indústria do polo nacional ou ao

14 Ver Diniz (1981) e também Paula (1976).

15 A análise de que a Segunda Guerra beneficiou a expansão da indústria de mineração e metalurgia em Minas também é endossada por Fernando Nogueira da Costa. Para ele, a expansão da indústria extrativa mineral, com a produção da mica, do cristal e do minério de ferro, dará um salto produtivo, principalmente, com a inauguração da Cia. Vale do Rio Doce, em 1942. Também a siderurgia e a produção de minerais não-metálicos, como o carbureto, refratários e cimento, irão impulsionar o desenvolvimento industrial do estado (Costa, 1978: 131).

mercado externo, outros segmentos da indústria mineira que dependiam daqueles mercados sofriam efeitos contrários, embora provenientes da mesma situação estrutural. As indústrias de São Paulo e do Rio de Janeiro de bens intermediários e de capital requisitavam a matéria-prima da Zona Metalúrgica, contribuindo para o desenvolvimento desta região e da exploração de seus recursos naturais; enquanto isso, outros segmentos da indústria da região central, principalmente, de produtos de bens de consumo, procuravam expandir seus mercados na direção das áreas menos desenvolvidas, e, portanto, pressionando a indústria do interior. Neste sentido, enquanto a Zona Metalúrgica desenvolvia sua indústria, mesmo que dependente e complementar, a indústria situada na Zona da Mata, principalmente, o parque industrial de Juiz de Fora, era cada vez mais invadida pelos bens de consumo e produtos acabados do Rio de Janeiro e São Paulo.

A Zona da Mata não tinha disponibilidade de recursos naturais disputado pelo polo dinâmico; ao contrário, era um centro de produtos de bens de consumo, competitivos com os produtos fabricados pelas indústrias paulistas e cariocas. Sendo uma região bastante próxima daqueles pólos, com empresas menores e menos dotadas, o parque industrial matense, em especial o de Juiz de Fora, sofrerá intensamente os efeitos negativos da expansão da indústria central. A própria economia de complementarização da Zona metalúrgica auxiliava a invasão dos produtos centrais. Soma-se a isto a política econômica do governo mineiro, que, com uma política de concentração industrial na Zona Metalúrgica, entregou os mercados regionais para as indústrias de São Paulo e Rio de Janeiro, e, ao mesmo tempo, criou e incentivou a formação, na região central do estado, de um amplo mercado regional direta e eficientemente ligado a Belo Horizonte. Este empreendimento prejudicou, em grande parte, as economias regionais mineiras, principalmente a da Zona da Mata, em particular da cidade de Juiz de Fora.

O processo de concentração industrial, na Zona Metalúrgica, se consolidará na década de 1950. Cada vez mais, a partir de então será incentivado o desenvolvimento do setor minério-metalúrgico e siderúrgico, donde surgirão empresas como a Usiminas, Mannesmann e muitas outras, além da ampliação das empresas mais antigas como a Belgo-Mineira, a Vale do Rio Doce e a Acesita. É neste momento que o setor de bens intermediários, representados aqui no ramo metalúrgico, torna-se o grande

segmento da indústria mineira, contribuindo com alto percentual do valor de produção, vendas e empregos existentes no estado (Paula, 1976: 155).

Em síntese, o balanço que podemos fazer da indústria mineira na década de 1950 é de avanço para o setor industrial em porcentagem estadual. Contudo, se compararmos a participação industrial de Minas com o conjunto nacional, perceberemos que a participação mineira reduziu em relação ao produto industrial brasileiro, uma vez que cresceu mais lentamente do que o conjunto.¹⁶ Se, por outro lado, ao examinar o valor da transformação industrial, verifica-se que era pequena a participação mineira no total do país. Neste item, Minas Gerais cobria 6,5% em 1949 e caiu para 5,8% em 1959. O índice de São Paulo era de 55,1% neste último ano. Tomando-se os setores mais expressivos no total brasileiro, a comparação entre 1949 e 1959 indica aumento no ramo de minerais não-metálicos (cimento, por exemplo) e no ramo têxtil, estagnação no ramo metalúrgico e declínio no setor alimentar (Dulci, 1999: 104-105).

A estrutura da produção industrial de Minas se modificou entre 1949 e 1959. Os ramos de minerais não-metálicos e metalurgia (“dinâmicos”) passaram de 28,3% para 40,2% do valor da transformação industrial do estado, ao passo que os ramos têxteis e alimentar (“tradicional”) declinaram-se de 51,8% para 37,4% do VTI mineiro (Dulci, 1999: 105).

De fato, os ramos “dinâmicos” foram responsáveis, quase que exclusivamente, pelo crescimento industrial de Minas Gerais na década de 1950. Cresceram acima da média do conjunto no setor industrial mineiro: a) minerais não-metálicos (368%); b) energia elétrica, com a Cemig, Furnas e Três Marias (270%); c) extração mineral, com a Vale do Rio Doce (270%); d) metalurgia, com a Mannesmann, a Acesita, a trefilaria da Belgo-Mineira e inúmeros alto-fornos de gusa (232%); e) construção civil, com o intenso processo de urbanização em Belo Horizonte e outros locais (160%) (Dulci, 1999).

Portanto, para concluir este item, podemos afirmar que a evolução industrial de Minas no período abordado, praticamente derivou de investimentos “pesados”, oriundos do Estado e de capitais externos. Refletindo, por outro lado, uma tendência à especialização com base nos recursos naturais e concentração industrial na região central, denominada de Zona Metalúrgica.

16 Dulci (1999: 104) nos mostra os dados referentes a participação de Minas no produto industrial brasileiro: em 1949, detinha 7,1%, decrescendo na década de 1950 até 6,6% em 1960.

Considerações finais

Ao analisarmos, neste breve estudo, o processo de industrialização de Minas Gerais, coadunamos com a tese de John Wirth, a respeito do “Mosaico Mineiro”, no qual as regiões que compõem atualmente o estado se desenvolveram em linha diferente de tempo, dando a Minas uma longa história de crescimentos desarticulados e descontínuos (Wirth, 1982: 41).

Em suma, a indústria mineira que abordamos ao longo desta discussão, foi marcadamente induzida por fatores exógenos e surgiu de forma descentralizada, num espaço desarticulado, em que os níveis de urbanização dispersos. A indústria da Zona da Mata mineira, vinculada a dinâmica do setor agroexportador cafeeiro, como vimos, não produziu os efeitos dinâmicos que ocorreram em São Paulo, de modo a integrar as diversas regiões do estado mineiro. Será o desenvolvimento dos setores minério-metalúrgico e siderúrgico que irá conduzir progressivamente a região central do estado, isto é, a Zona Metalúrgica, à condição de área tendencialmente concentradora da atividade industrial, dando suporte ao projeto de constituição de um polo que articulasse as diversas regiões de Minas Gerais.

Bibliografia

- AURELIANO, L. *No limiar da industrialização*. Campinas: Unicamp. Instituto de Economia, 1999. (Série Teses).
- BASTOS, W. L. *Mariano Procópio Ferreira Lage: sua vida, sua obra, sua descendência*. Juiz de Fora: Ed. Caminho Novo, 1961.
- COSTA, F. N. *Bancos em Minas Gerais – 1889/1964*. Campinas: Unicamp, 1978. (Dissertação, Mestrado).
- DINIZ, C. C. *Estado e capital estrangeiro na industrialização de Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1981.
- DULCI, O. S. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 1999.
- ESTEVES, A. O. *Álbum do Município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1915.
- GIROLETTI, D. *Industrialização de Juiz de Fora – 1850/1930*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988.
- GORENDER, J. *A burguesia brasileira*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

- LIBBY, D. C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- OLIVEIRA, M. T. R. *Indústria têxtil mineira no século XIX*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 21, 1993, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Anpec, 1993. v. 1.
- OLIVEIRA, M. R. *Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora – 1854/1920*. Niterói: UFF, 1991. (Dissertação, Mestrado).
- OLIVEIRA, P. *História de Juiz de Fora*. 2. ed. Juiz de Fora: Comércio e Indústria, 1966.
- PAULA, M. C. S. *As vicissitudes da industrialização periférica: o caso de Juiz de Fora – 1930/1970*. Belo Horizonte: UFMG, 1976. (Dissertação, Mestrado).
- PIRES, A. J. *Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora – 1870/1930*. Niterói: UFF, 1993. (Dissertação, Mestrado).